

Hostilidade de fundo político

REALI JÚNIOR

Nosso correspondente

PARIS — A má vontade do governo britânico em relação a uma ajuda crescente aos países do Terceiro Mundo mais endividados se deve, em alguns casos, a razões políticas. Pelo menos essa é a crença de alguns setores bancários franceses que participaram, na terça-feira, em Londres, da reunião do presidente do Banco Central Affonso Celso Pastore, com representantes de mais de 200 bancos internacionais.

Para algumas áreas financeiras francesas, um dos motivos pelos quais Margaret Thatcher é hostil a uma ajuda mais substancial ao Brasil foi a recusa do governo brasileiro em autorizar a desida de aviões britânicos em direção às Ilhas Falklands. Isso talvez explique o fato de a maior parte dos bancos ocidentais ter concordado em conceder novos créditos de exportação ao Brasil, num total de US\$ 2,5 bilhões, contrastando com a grande resistência da Grã-Bretanha.

Apesar da recomendação favorável do Banco da Inglaterra, cuja autonomia é ressaltada pelos meios bancários franceses como uma tradição britânica, o governo de Margaret Thatcher não parece disposto a participar do plano apresentado por Pastore, achando que devia limitar sua parti-

pação ao reescalonamento das dívidas antigas brasileiras.

Essa posição política de Londres, favorável a uma orientação interna mais ortodoxa no Brasil (isto é, aumento de sacrifícios, se baseia na crença de que a Grã-Bretanha já ajudou suficientemente o Brasil. Essa não é, entretanto, a posição francesa: o Banco da França e o próprio governo defendem uma posição mais generosa em relação aos países em desenvolvimento mais endividados.

Reconhece-se que na França ainda existem reticências dos pequenos bancos em relação ao plano de recuperação econômica do Brasil, mas essa situação poderá ser superada. Já entre os grandes bancos nacionalizados e mesmo na área governamental, a orientação transmitida por Jacques Delors, ministro da Economia, é no sentido de facilitar o acesso de países na situação do Brasil aos recursos indispensáveis para que possam encontrar uma saída rapidamente.

Ontem, em Paris, comentava-se, inclusive, que o ministro Delfim Netto poderá viajar para a França na próxima semana, quando negociaria um pequeno pacote econômico (créditos de exportação), cujo valor seria mais simbólico, pois indicaria a boa vontade francesa de manter abertos os canais financeiros em direção ao Brasil.